

O PARADOXO UNITÁRIO

Intuição, Virtude e Decisão



Régis Alain Barbier – Aldeia, 2012

Aplicação do *eixo de perspectiva metafísica cosmo-existencial*
Composição em construção – pré-publicação.
Reproduzir com permissão. Citar como:
Barbier, R. A.; O PARADOXO UNITÁRIO - Intuição, Virtude e
Decisão; 2012: artigo internet – www.essencialismo.org.br

O PARADOXO UNITÁRIO

Intuição, Virtude e Decisão

Régis Alain Barbier – Aldeia, 2012

ÍNDICE

1	INTRODUÇÃO BREVE	5
2	NAMASTÉ!	8
3	DA FILOSOFIA QUE AQUI SE EXPLICITA	15
4	DAS EXTRAPOLAÇÕES DA CIÊNCIA FILOSÓFICA.....	20
5	DO DISCERNIMENTO JUSTO E SAGITAL	25
6	METAFÍSICA – SABER PARADOXAL	31
7	DA NATUREZA COGNITIVA DO NÃO-SABER	34
8	DAS COORDENADAS METAFÍSICAS SECUNDÁRIAS	39
8.1	COORDENADA COSMO-EXISTENCIAL	41
8.2	COORDENADA TRANSCENDENTE-TRANSCENDENTAL	44
9	O NOVO ALVORECER	51

O PARADOXO UNITÁRIO Intuição, Virtude e Decisão

Régis Alain Barbier – Aldeia, 2012

“Pelas tardes azuis do Verão, irei pelas sendas, Guarneçadas pelo trugal, pisando a erva miúda: Sonhador, sentirei a frescura em meus pés. Deixarei o vento banhar minha cabeça nua. Não falarei mais, não pensarei mais: Mas um amor infinito me invadirá a alma. E irei longe, bem longe, como um boêmio, Pela natureza, - feliz como com uma mulher”. Sensação - Arthur Rimbaud – março 1870.

“De resto estou me sentindo muito bem por aqui (...). Cada árvore, cada moita é um ramo de flores, e a gente faria gosto em se transformar num besouro para esvoaçar nesse mar de perfumes e poder sugar todos os seus alimentos”. *Os Sofrimentos do Jovem Werther* (1774), Johann Wolfgang von Goethe.

1 Introdução breve

Ser parte do processo existencial, dotado do poder de sentir, acertar ou errar, é inquietante; demanda um cuidado no intuito de viver bem e prevenir sofrimentos, quando necessário, curar, isto é, exige filosofia e terapia. A busca de uma visão e realização que possa honrar e justificar, senão explicitar, essa existência, exige uma praxe eficaz que não deveria prescrever-se estudando apenas os pensamentos e reflexões, como sujeito, ou apenas a objetividade, os

objetos: é necessário focar a atenção no estudo mais central do processo existencial: a relação da consciência própria com o que existe¹.

Em toda e quaisquer circunstância, a virtude mais íntima atribuída a essa relação consciência-existência institui e delimita modos de conhecer e enquadramentos geradores de experiências e trajetórias existenciais. De acordo com os significados e valores escolhidos, essa relação da consciência com o dado-a-ser equaciona epistemes² na regência das quais se delimitam e regulam potenciais existenciais - fronteiras de oportunidades e desafios, margens de felicidade ou sofrimento.

Uma vez singularizado, lançado na existência, o que mais profundamente pode determinar e orientar o destino? É a apreciação profunda, genérica, que se institui no interior e em si³, na interface da relação consciência-existência, gravitação na qual se configuram e estabelecem os eixos conceituais relativos às grandes dicotomias: 'sujeito-objeto', 'eu-outro', 'eu-cosmos', 'eu-divino', todos, atributos elementares dessa relação continente e central⁴.

A natureza dessa relação consciência-existência é essencial: uma apreciação positiva e unitária, geradora de um processo íntimo de concórdia e serenidade, revelará um processo criador e dialógico, fenômenos opositivos e

contrastantes, mas complementários, motivadores de disposições harmoniosas. À luz de um entendimento divergente, opositivo e dualista, imaginar-se-ão reações conflituosas, implicando rupturas incontornáveis, doutrinando-se alternativas esperançosas, até mesmo imaginando-se potenciais de reunificações em planos hipotéticos.

Do ponto de vista filosófico, a primeira atitude, vislumbrando uma natureza unitária e paradoxal frente ao processo existencial, se caracteriza como um monismo participativo e integrador; a segunda, perfaz um dualismo dogmático e sectário. Esse monismo, instaurador de uma relação consciência-existência combinante e serena se inscreve num eixo de perspectiva metafísica, nos meus escritos denominado cosmo-existencial enquanto que o dualismo se inscreve no eixo de perspectiva metafísica transcendente-transcendental.

A mim mesmo indaguei: essa relação da consciência com a alteridade, a relação *consciência-existência* que testemunho e vivifico na primeira pessoa, exemplifica uma união fenomenal ou uma ruptura abissal? Qual a sua apreciação? Reunir ou separar? É nessa espagiria operada no mais profundo do estado-de-ser, que se fecham e abrem destinos. Onde está a pedra filosofal capaz de curar e reunir

o desunido, reposicionar o eixo cosmo-existencial - pedra sobre a qual erigir uma nova vida e civilização?

2 NAMASTÉ!

Imersos na natureza e nas formas gerais da cultura, somos congêneres, existimos no mesmo contexto. A consciência imediata de ser o que somos, as faculdades da imaginação, o estudo dos sentimentos e pensamentos, atitudes e comportamentos, a interação da sensibilidade e inteligibilidade no propósito de compreender as relações com o que é outro, configuram, em conjunto, uma forma de cognição compartilhada.

Como chegar-se a uma resposta filosófica apenas analisando ‘coisas’ e a logicidade dos ‘conceitos’, descartando o resto? Virtuosos ou não, os sentimentos são, com toda evidência, aspetos que determinam as escolhas que se fazem ao enfrenar a existência. Somos uma conjunção de atributos físicos e cogitativos; logo, além de ser um processo de descoberta, a busca filosófica é, paralelamente, um exercício de encontros, processos dialógicos, escolhas e decisões – tudo o que perfaz a realidade existencial se apresenta para ser apreciado e considerado de diversas formas, com diversos métodos.

Uma filosofia é uma filosofia quando reporta frontalmente à experiência de existir; ela deve realizar-se em amplas perspectivas, começar das instâncias mais terminativas e profundas, fornecer um ponto de partida e orientação sólida, credível, para que se escolham condutas justas e sensatas. Sem uma apreciação intuitiva e estética que verte a consciência no campo universal, não se acha o ponto de mutação, o alfa e ômega que reporta o estado-de-ser ao que não tem limites.

Toda filosofia, mesmo complexa, elucubrando hipóteses, parece querer (re)estabelecer uma ponta, ou conexão, entre um sujeito angustiado e a intuição de uma realidade harmônica, do Belo que repousaria a busca em silêncio resolutivo e sereno. Mas os usos e costumes da cultura que viceja – suas políticas destrutivas e hábitos sustentados em educação impositiva, ‘bancária’ nos termos de Paulo Freire - obstruem o contato intuitivo com a essência unitária que não se descreve em termos lógicos, como se fosse objeto.

Uma filosofia condicionada em especificidades cognitivas reduzidas não desvenda valores universais; uma escola que repousa as suas razões numa corrente infinda de citações que desaguam em coisas tradicionais, mas aceitas sem exame é *doxa*, reporta a opiniões. Não se pode

conhecer o que é essencial a partir de perspectivas não examinadas, reportadas, latentes como tabus, ou cogitadas nos modos de um observador racional, mas inapto à justa consideração da intuição, valorização genuína da relação consciência-existência que vigora em primeiro lugar.

Uma filosofia lúcida, unindo o abstrato e o sensível, compartilhando inteligência, deve confrontar o estado-de-ser na arena existencial, não ofuscar a realidade evocando ‘testemunhas neutras’ almejando fazer do ‘mundo’ e do ‘sujeito’, eventualmente circunscritos entre parênteses, algo com uma entidade ou coisa que se pudesse testar e delimitar através de um instrumento quantitativo e lógico montado e instalado numa bancada de laboratório ou lançada em órbita.

Tampouco é suficiente ‘pôr entre parênteses’ processos racionais e dissociativos geradores de pareceres confusos, mas vulgarizados como heranças culturais: tais dubiedades e hipóteses não se superam por afastamento provisório, falsificação progressiva, ou negação simples; negadas, continuam servindo de contraponto referencial, comprometendo a clareza do discurso e da busca que passa a acontecer como uma escavação cega onde se tenta progredir rejeitando o que não é. Esse laboratório analítico não produz evidências que sanam a angústia existencial,

tampouco o niilismo, que resultam do não reconhecimento e apreciação do que simplesmente se é – natureza-ciente.

A intenção que procura conhecer com naturalidade os mistérios da existência abrange o reconhecimento e domínio dos planos fundamentais; da justa percepção dessas relações e correspondências decorrem praxes sóbrias, instituídas em inteligibilidade e sensibilidade, onde abstrações evoluem em completudes totalizantes que satisfazem o intelecto e enlaçam o pensador em realizações numinosas⁵ que alegram o coração; tudo convergindo em estruturas que envolvem o estado-de-ser em modos e atributos incontornáveis e de profunda harmonia.

Visionários, poetas, artistas e filósofos que se reconstruíram muitas vezes nestas buscas e reflexões, não se apegam a ideais dicotômicas que imaginam romper a relação consciência-existência que se é, evocando um sujeito instituído em ideias, fiador de um saber reservado, contrastando com um eventual sujeito destituído de ‘razões puras’, incorporado a um mundo sensível e acidental. É possível reaprender a filosofar com sobriedade, como um indígena, um antigo mestre de saber, carregando no coração e pensamento reunidos, como um farol, a essência vinda da origem e selada na união generativa e amorosa dos gametas. A filosofia fenomenológica de raiz, integrada e justamente

compreendida, traz no seu bojo as ferramentas que configuram um justo e sóbrio entendimento, começando um discurso centrado, buscando a partir do ‘interior-em-si’, lugar e fundamento onde se encontra a essência que reside na comunhão justamente apreciada da consciência e da existência⁶.

Nesse processo, surpreende e comove a convergência identificadora que se estabelece entre a totalidade da cognição e seus objetos, o mundo mensurável (esse ‘estado extensivo’) e o ser inteligente e sensível (esse ‘cogito filosofante’): ajuntam-se num *sym-bállein*⁷, estado-de-ser integrado, celebrando a vida, espargindo e refletindo universais, como uma mandala; conjugação onde a essência é amor antes de ser razão – a união não se analisa e o Belo não se formula, se intuem.

Um mesmo fenômeno biológico, social e psicológico, arquiteta a corporeidade e a cognição, corpo-e-visão, com razão e sensibilidade. Em si mesmo se consagram a unicidade de classes e categorias paradoxais, sem por isso acuar o vivente em angústias existenciais e dilemas insolúveis. O estado-de-ser, singular e universal, é a estrutura fundadora, o que existe primeiro, contendo em unidade e justapondo em harmonia ser-estado e estado-ser em grau diversos de acuidade, presença e reflexão: essa

interatividade, como apriorismo radical, é categoria existencial prima. Não existem objetos da ‘história natural’⁸ fora do campo da consciência historiadora e categorizadora, igualmente natural, a não ser como hipótese. Acontece uma triangulação integrada, de dimensões universais: lugar originário a que se pertence como vivente (Ethos), evidenciando um saber e uma inteligência intuitiva e reflexiva que se demonstra por ser o que se é (Logos): lugar e saber associados e unidos como irmãos em comunhão conjuntiva (Mythos). A dualidade se transcende no surgimento desse rebis⁹, feito de lugar existencial e consciência integrados. O a priori de toda ciência, fonte suprema das teorizações, telo e teologia, jorra da experiência imediata e autoral do estado-de-ser, que seja mentor lúcido ou iludido.

O que devo escrever para expressar o que parece ter sido intuído pelos filósofos basilares até Sócrates, evocado pelos poetas, artistas e crianças de todos os tempos? O que devo dizer, até mesmo construindo um discurso contextualizado ao redor das ideologias vigentes, para apontar esse contato metafísico e poético, comovente, rompendo, como se fosse filó, as arquiteturas sofisticadas desse sujeito pensativo e recalcado, imaginando-se perdido, separado do mundo e do numinoso, necessitando guias,

especialistas e normas para achar sentido e orientar o seu viver? Como exaltar um sentido sereno que aprecia a existência? Como assentar no coração as diástoles e sístoles desse mistério de aniquilação e reencontro universal?

Penso, até provar em contrário, ser muito adequado afirmar: a união existencial da consciência, e do corpo, e do mundo, é inabalável: a unidade paradoxal é o fundamento primal que sustenta a experiência, a totalidade da criação dada a conhecer. O reconhecimento dessa união primal desconstrói e desperta esse sujeito esquecido, estanhando a si mesmo, num imenso evento terminativo onde se revela a identidade original, substância e essência firmemente enlaçadas.

A paradoxal união da consciência e do cosmos desafia as reflexões hipotéticas em espanto e mutismo, nulifica os ‘telos’ fantasiosos que se substituem por sentimentos de fusão com os elementos: mar, sol, céu da noite ou do dia, percepções e abstrações sensíveis correspondentes: abrem-se janelas de luz, novas inteligibilidades e saberes, por onde se desdobram as frases poéticas e indígenas de uma nova vida e civilização. Uma (re)união que revela um ‘eu-sou’ imenso, galáctico como um uróboro¹⁰, incluindo a totalidade da criação, o todo. Trata-se de uma razão filosófica sensível e qualificada, onde flui, em vias paralelas, ao lado dos

saberes e das reflexões, uma praxe corajosa e prudente, que considera a situação existencial e rememora a historicidade em busca de despertar a grandeza e o talento da criança em apreciar o Belo.

A honra e o bom humor do estado-de-ser já despertado, igualmente indivíduo e totalidade, é fundamental na construção de um espaço filosófico-existencial que possa coordenar uma renovada ciência-de-si, crescendo do singular ao universal em busca do sublime.

3 DA FILOSOFIA QUE AQUI SE EXPLICITA

Notifica-se que a filosofia aqui explicitada não é um repertório conservador de razões matematizadas e formuladas, ou, apenas, um romantismo. Não é uma filosofia que se conforma aos acordos reduzidos de um modo intelectual e dissociado de pensar, não é cientificismo, palavra repicada em uso, costumes, etiquetas e prevalências. Trata-se de uma filosofia profunda, ou 'sistêmica' num sentido que transcende o racionalismo metodológico: não se exclui nenhuma das funções psíquicas, integrando a totalidade da cognição nos processos investigativos. É filosofia existencial, ética e estética, sendo a referência fundamental o conhecimento do leitor, juízo final de valor;

um intento passível de ser decodificado e compreendido por todos os humanos com sensibilidade e veio poético; filosofia construída para encontrar a melhor forma de significar e experienciar a vida, em si e em coletividade, descrevendo um posicionamento autonômico e renovado em busca de mais sabedoria - eutimia e eudemonismo.

Compreende-se que não se trata de uma busca dirigida a objetos culturais, como ciência, arte, economia, política, história da filosofia ou obras de autores definidos: não é filosofia que instrumentaliza objetificações, não é positivismo, investiga-se o existente como existente.

Expressa-se o fundamento e orientação dessa razão-qualificada, criando o conceito 'eixo de perspectiva metafísica cosmo-existencial' (ePMCE) para flanquear essa filosofia ao nível das esferas teleológicas que compelem o enquadramento civilizatório vigente, permitindo a superação da metafísica dualista e a sua trindade de ordenamentos: teológicos, cientificistas-positivistas e políticos-midiáticos: palanques e púlpitos a partir de onde se molda, como um boneco de barro, e vulgariza o conceito mor da modernidade, esse 'sujeito/objeto', essa criatura coletivizada e massificada: 'homens-de-quételet'¹¹.

Utilizo a expressão ePMCE para expressar a natureza dessa razão qualificada e aberta, evitando o uso central de

termos como ‘ontológico’ e ‘ôntico’, envolvidos nas nuances conceituais consagradas no kantismo e heideggerianismo – termos enclausurados em véus reflexivos, afastados das definições pré-socráticas e aristotélicas primordiais onde um empirismo ponderado (uma forma gnosiológica indígena), conectava o ‘ser’ às suas dimensões cósmicas permitindo um outro exercício de filosofia.

Nega-se essa subjetividade kantiana¹² rigorosa, ponto de repique da filosofia racionalista-idealística, onde a busca dos princípios gerais acontece focada no paradigma apriorístico, ainda não suficientemente desafiado, de um ‘sujeito-objeto’ ensimesmado, possuidor de um ‘ser’ descrito, na melhor hipótese, como um ‘nós no mundo’, investigando um destino mediano envolto em negrume, esperançoso ou tenebroso, com uma mirada na história e outra nas ideologias, laicas e teológicas.

Nega-se, como pressuposto construído em evidências simples e intuições estéticas e vitais, a possibilidade de delimitar um sujeito separado da sua natureza, de decantar um *subjectum* do sujeito, contrariando a premissas fundamentais do pensar filosófico instituído - entre outras, as tentativas husserlianas e heideggerianas.

Ao predomínio escolarizado desses conceitos dicotômicos e adernados em teologismos ultimamente

enraizados no masdeísmo, maniqueísmo e tomismo, respondo com os argumentos mais sóbrios e sensíveis do essencialismo¹³ e da metafísica cosmo-existencial.

Dito em termos filosóficos: advoga-se a incompletude e o sectarismo fundador de uma filosofia da ipseidade, construindo uma abordagem universal ao redor do conceito de asseidade¹⁴ como significado equivalente ao conceito contemporâneo de autopoiese¹⁵, evocando uma interface onde intuição, virtude e sentimento, em união com a razão, estacam inegáveis ordenamentos existenciais.

O espanto comovente de sentir a natureza e o cosmos como portadores fundamentais da nossa mesma identidade é suficiente para justificar e apreciar a existência dada a ser: aqui, Sísifo é criança, encantado e feliz, descobrindo mundos em cada grão de poeira, ele rola a pedra em espirais infinitas, surpreendentes e sublimes.

Uma impressão metafísica infeliz, que desqualifica o estado-de-ser e resulta em vivências que desencontrem e empobrecam, não deve entravar a realização de uma apreciação filosófica consciente em busca de opções mais cômguas; uma transformação facilitada pela compreensão da considerável importância da ‘impressão metafísica batismal’: apresentação inicial e ritualizada de um ou outro juízo de valor relativo à relação consciência-existência¹⁶.

Intuído e reconhecido outro potencial e opção de valorização, é possível estabelecer um diálogo e superar com responsabilidade as introjeções condicionadas e reproduzidas em usos, costumes e educações que reforçam a estraneidade do sujeito, do 'Eu'.

Não parece difícil reconhecer que uma pedagogia talentosa deve revelar a realidade imediata da unicidade, com profundo respeito e virtude, fraternidade e liberdade, em todos os graus, poderes e responsabilidades. Um parâmetro útil e fiel para definir o que vem a ser uma boa vida, deve, por certo, explicitar com valor de verdade, uma justa, nobre e concordante relação do 'ser' com a (sua) 'natureza', o que implica o cuidado de não ofuscar as buscas com preconceitos desavisados ou paradigmas latentes e apriorísticos, apanhados em educandários onde, reduzida, a razão mal sobrevive.

A filosofia aqui proposta, compartilhada entre inúmeros poetas e filósofos, todas as crianças, parte de um patamar atuante de autonomia e recordação onde a experiência de plenitude se inscreve como potencial natural e área de conhecimento imediato¹⁷; odisseia primordial, mãe de todo filosofar: um conhecimento sempre ressurgindo, transcende as distorções típicas e sofisticadas das edificações psicossociais que cambaleiam. A vida vale como ela é: um momento

estranhamente criativo cuja possível glória se acha compartilhando e cultivando, com bom-humor e respeito, a unidade que origina e vitaliza.

Nesse processo cognitivo dedicado à investigação dos arcanos impreteríveis do pensar filosófico, num tempo relativo à dedicação e ao vigor das buscas, o estudo e a contemplação afunilam em saberes incontornáveis, referenciais terminativos de todas as ‘ontologias e *-logias*’: saberes efetivos, focados na origem e identidade da relação consciência-existência, saberes metafísicos suportando escolhas e decisões responsáveis.

4 DAS EXTRAPOLAÇÕES DA CIÊNCIA FILOSÓFICA

Antes de anuir com conjeturas ilhadas em equivocidades¹⁸, mais sensato é tentar compreender a sua natureza própria, imediata, partindo de evidências mais integrativas: o existente, originado e identificado aos seus contextos, acontece e preexiste aos seus cogitos idealísticos! Os desvios metodológicos do idealismo e cientificismo, incluindo as afiliações batismais iniciais e institucionalizações subsequentes, condicionam uma postura artificiosa, ativa e prevalecente, mas oculta, em que filosofar acontece embutido numa representação alegórica;

um lugar imaginário a partir de onde, seduzido, cooptado, o sujeito atua como se fosse ouvinte ou porta-voz representante de um *verbum* primordial.

Envolvido na alegoria, flutuando nas alturas incólumes da razão pura e reservada do ‘grande sujeito’, abaixo da arca verdadeira e enciclopédica, castelo de toda a ciência e filosofia, o adepto examina os pensamentos outros (alteridades), catalogados e indexados em escrituras e quadros negros, recuperados à luz dos preconceitos dominantes e mais citados; historiador, arqueólogo da consciência, supervisor mor e dileto das intenções alheias, entendidas ‘anedóticas’, ou, consideradas relevantes apenas quando biseladas de acordo com as ‘metodologias’ da tradição - condição necessária de visibilidade.

Uma reserva metodológica prepotente e absurda extrapolada à categoria de instrumental cognitivo basilar da busca filosófica: por desconsiderar os fundamentos frontais e paradoxais do acontecimento existencial, e, por escamotear as necessárias e primordiais impressões estéticas e éticas na construção da intuição filosófica cuja sensatez e vitalidade depende da virtude das apreciações e posicionamentos incorporados, escolhidos ou não. O cientificismo, essa postura operante e modernosa, alegoria laica correspondente ao dualismo teológico, não permite

apreciar o estado-de-ser na sua justa esfera e tónus existencial.

O pressuposto tutelar amplamente difundido: “do ponto de vista da academia, não há filosofia melhor ou pior”¹⁹, acusa esse ‘cientificismo filosófico’, denotando e conotando: 1) que as elucubrações metodológicas pertencentes à ‘visão-compromisso’ dessa academia não permitem, ou autorizam, alcançar um saber e conhecimento ciente e virtuoso; 2) que essa neutralidade cientificista e filosofante acusa um ponto de vista condicionado que não consegue distinguir o melhor do pior; 3) que o ponto de vista dessa academia não é um belvedere suficiente para diferenciar o melhor do pior. Um posicionamento neutral, como uma bandeira içada a meio-mastro, evidenciando um intelecto ainda laçado nas adriças teológicas, assombrado, onde o melhor e o pior não se normatizam em concerto com a luz natural da razão, mas se ofuscam de acordo com a exigência dos dogmas; dogmas desacreditados como valores de verdade, embora, ainda não ‘de fato’, latentes como tradições batismais geradoras de estratificações institucionais fundadoras de rotinas proveitosas.

Afirmar não haver filosofia melhor ou pior, significa negar o valor da filosofia e afirmar-se suposto detentor de uma valia superior, de uma mirada *in excelsis* instituída em

dogmas. Essa academia instituída no status quo civilizatório, com frequência instalada em pátios de igrejas desertados dos poetas e livres-pensadores, cultiva um cogito preposicionado, ancorado à enredos políticos que compartilham a mesma tradição e fundamento metafísico. Com efeito, não se pode examinar o processo existencial na alegoria de descritor autorizado, testemunha tutelada, porta-voz midiaticado, comprometido com uma proferição de neutralidade, lavando as mãos, a não ser parodiando a existência como se fosse um teatro ou um jogo cultural metrificado em regulamentos. Ao afirmar essa ‘neutralidade’, os adeptos do cientificismo e positivismo assumem um ponto de vista soberano, idealístico e ajuizador, regendo distinções a partir de critérios hipotéticos e contraintuitivos; fogem do ponto existencial e fenomênico que, com efeito, esclarece e neutraliza os desvios e abusos: não existem argumentos que suportam a estraneidade paradigmática do ‘eu’, medidas aptas a diferenciar figuras como ‘sujeito’ e ‘objeto’.

Retóricas e hábitos cognitivos reduzidos, descuidados, induzem a confundir hipóteses idealísticas, alegorias e metáforas, preferências e obediências fundadas em religiosidade supositivas, com posicionamentos metafísicos confrontados sem intermediações, depauperando a filosofia

em equacionamentos lógico-gramaticais e apoéticos, fazendo a vida parecer um palanque de discórdias e equivocidades. A dissociação cognitiva do vivente do plano fenomênico impossibilita o reconhecimento frontal do paradoxo unitário que acontece antes das diversidades, mas, igualmente, desautoriza o existente, fomentando extrapolações sectárias indutoras de ideologias coletivistas, personalidades autoritárias e movimentos socioculturais conflituosos e destrutivos.

Não se pode instalar a paz no mundo supondo-se portador de critérios de verdades pautados em dogmas revelados ou tradicionais, a partir de uma alegoria gnosiológica condicionada e decorrente dos ritos e sectarismos fundadores. Lançar a razão em órbitas, condiciona-la em metrificações relativas a preconceitos, ou jogando dados, não traz veracidade, tampouco sabedoria. Confundir superestratificações²⁰ construídas em manobras artificiosas, instâncias de força e poder, com patamares de referência necessários e sensatos, poderá fornecer pontos de vista engenhosos, fortalecendo posicionamentos históricos proveitosos, políticos e culturais, contudo, relativos e correlatos ao artificialismo e dubiedade das suposições fundadoras, não fornecendo veracidades que justifiquem o processo existencial como acontece *in natura*.

Ninguém jamais poderá testemunhar o Cosmos a não ser como integrante típico e probante imediato, entranhado nos princípios e leis da natureza, pertencente ao espaço-tempo correspondente à experiência. Ser para ser exige pertencer (um ter e ser em união), estabelecendo-se a existência de coordenadas paradoxais irrefutáveis e universais, apesar de encobertas e sub-rogadas nessas alegorias, estilos pedagógicos e anuências sociopolíticas: existir é acontecer no momento universal, agregando em união o campo do ser e do ter: não querendo perder-se em desencontros, melhor é não confundir o real com representações prediletas e proveitosa, alegorias e máscaras tuteadas. Cultivar elitismos e circunscrever eleitores e alunos em classes, em nome de abstrações como ‘povo’ e ‘cidadãos’, ‘fíeis’ e ‘mercado’, instituindo perspectivas políticas e econômicas carentes de discernimento e virtude, estabelece graves rupturas, suficientemente comprovadas.

5 DO DISCERNIMENTO JUSTO E SAGITAL

É preciso retornar ao início, desembaraçar a mesa, reaprender a conhecer a partir da instância mais original do saber, instituída no fenômeno da diferenciação, onde um ato estruturador de distinções opera em campo unitário.

Trata-se, igualmente, do começo da ciência-de-si e do princípio realizador, chave de todas as criações científicáveis: nada existe sem distinção, quer seja na esfera do objeto ou do sujeito, ou na diferenciação entre um e outro. Uma teórica remoção radical das distinções retira a possibilidade de qualquer ontologia. Não se cogita um vácuo absoluto, infinito sem distinção alguma: a imaginação do imaginador distingue-se do vácuo ou infinito imaginado: o vácuo absoluto não se distingue, a não ser como hipótese (a ‘não ser’): tal evento inexistente para o existente. Uma hipotética gênese primal, fundadora, irrupção metafísica primordial em busca de existencialidade, implica um processo de diferenciação: nada pode ser conformado à realidade e ao campo existencial, isto é existir, sem a operação de distinções fundamentais, sejam, confrontadas com sobriedade, contempladas, ou então, demarcadas em mitos e dogmas.

No âmbito dessa filosofia fundamentada no eixo de perspectiva metafísica cosmo-existencial (ePMCE), a distinção-em-si, a interface ontológica e dialógica do estado-de-ser, é eleita como foco realizador, âmbito vivo e essência discernente, e, as setorizações (os atributos *extensa* e *cogitans* na mais ampla abrangência) como instâncias dialógicas. A partir desse eixo de perspectiva, compreende-

se a capacidade de distinguir, como necessidade existencial criativa e primária: o fenômeno propriamente dito - um feixe de lucidez inscrevendo demarcações fronteiriças a partir de onde dicotomias relativas se revelam e se coordenam, manifestando oportunidades de interações instituídas ao redor das inscrições primárias como linhas traçadas em pautas brancas.

Os atributos definidos por Espinosa a partir das res de Descartes configuram-se delimitados em referência a um processo coexistente, conato e centrado, rebis atuante em campo unitário. Trata-se de um posicionamento sensato, instituído à luz da razão livre e natural, a partir de uma referência existencial testável no ato e foco da consciência que se experiencia e exemplifica: o ato discernente-em-si frente ao dado-a-ser, no coração do foco discernente/discernível, isto é, o ePMCE é aqui considerado natural e original, posicionamento mestre, autônomo, sóbrio e prudente, de todos os viventes - como um bastão de ouro plantado em vale fértil. Nesse caso a distinção-em-si é escolhida e eleita como foco inicial do acontecer existencial, âmbito vivo de discernimento, e, as polarizações como eixos e instâncias dialógicas apenas reais na presença da consciência que diferencia e integra.

O projeto metafísico primário e generativo, relação operante da consciência de si com a consciência do que é outro, reporta aos fundamentos intrínsecos e inevitáveis da existência, onde o Mythos pertence a Psyché tanto quanto o Logos – integrando-se em união a relação consciência-existência, Ethos. Tal evidência imediata, intuitiva e primal, é expressa nas tradições e artes de muitos povos: os símbolos referentes a esse fenômeno metafísico expressam-se em diversos mitos que ilustram essas separações e distinções como princípios fundadores exigindo posicionamento.

No *Gênesis*, os enquadramentos originais se expressam demarcando o espírito das águas - “o espírito divino se movia sobre a face das águas... Fez-se a separação entre a luz e as trevas... Deu-se forma ao vazio, criou-se a manhã e a tarde, o primeiro dia”. Na evocação mítica, o que vem primeiro estrutura distinções fundamentais: forma e vazio; manhã e tarde; espírito e água; luz e treva. Estar imerso em processos diferenciadores primários, inteligíveis e sensíveis, é vir à luz, experiência vivida por todos ao nascer: desperta-se luz e consciência do negrume da inconsciência, diferenciam-se as sensações proprioceptivas das sensações do clima, descobrem-se dias e noites, manhãs

e tardes. De antinomias enlaçadas em negrume e lucidez, nasce o primeiro dia como uma estrela na noite.

Em outras mitologias, mais integrativas e dialógicas, o poder do mito, simbolizado como um bastão de ouro, busca um terreno receptivo e de concórdia: na Mitologia Andina estabelece-se um diálogo criador e gerador de harmonia entre ‘terra e sol’, ‘céu e lagos’, ‘montanha e vale’, ‘norte e sul’, ‘homem e mulher’ (o casal de irmãos Mama Occlo e Manco Capac): “no lugar onde o bastão de ouro penetrou a terra, em Cuzco, reconheceu-se o centro da civilização sagrada do sol... O irmão indo ao Norte e a irmã ao sul, reuniram todos no centro, na cidade, para bem viver em comunhão, homens cultivando e irrigando, mulheres semeando e colhendo”. Aprende-se a decodificar informações e denominar distinguindo sensorialmente os objetos, privilegiando contrastes opositivos ou harmonias complementárias.

Neste processo existencial: como reagir? O que sentir? Como intuir a natureza e o significado existencial dessas dicotomias criativas, igualmente, construtoras de saber e reveladoras de não-saber?

O processo suporta, ou afunila, dois entendimentos diferenciáveis como imediato-intuitivo, e reflexivo-interpretativo. Uma demanda de inteligibilidade, do ponto

de vista da cultura instituída e eventual, fomentou a possibilidade de entender o fenômeno existencial de duas formas, determinando o surgimento de dois eixos de perspectivas metafísicas, no momento divergentes, ofuscados, mas, efetivamente, imbricados como dois madeiros de um cruzeiro inscrito num círculo.

Existindo o estado-de-ser entranhado em contextualizações criativas, naturais e culturais, [Ethos]: as linguagens e relações simbólicas, as configurações explicitadoras, intuitivas ou interpretativas, que se revelam nos ordenamentos locutórios e perlocutórios [Logos], assim como as artes, poética, ritos, cultos, arquiteturas e cantos [Mythos] operam em sincronia: em conjunto denotam a civilidade, a política e a gama de valores estabelecidos e vigentes. Essas relações, suas propriedades e características, correspondem, em tudo, aos significados dos termos descritores e conceitos definidores: precipuamente, as pedagogias e estruturas de saber e poder se vivenciam ao redor da apreciação fundadora e central da relação consciência-existência, ou, do modus metafísico que se reconhece: essa trindade essencial (Ethos, Logos, e Mythos) modula e instrumenta a apreensão metafísica que sustenta entendimentos, atos de fala, atitudes e realizações estruturantes do ponto de vista civilizatório²¹.

Concentrar-se sem desvio no estudo dessa junção metafísica revela um estado-de-ser pleno, um *rebis*, como uma Fita de Möbius: uma estrutura paradoxal em que a consciência discriminadora e a totalidade do discriminado configuram um símbolo que ajunta as dicotomias em um enlace cujo sentido terminativo é união.

Uma convergência, que por unir, relativiza as diferenciações e, na busca mais intensa, nulifica ou reabsorve o ato primeiro de consciência tributário da faculdade de discriminar: a união dissolve as distinções; repousam-se as luzes da razão no tálamo da natureza própria, uma junção radical onde inteira-se uma grandiosidade unitária e paradoxal que bem se reconhece, mas que ultrapassa os potenciais da compreensão: *nada sei*. Um ‘não-saber’ experiencial que volta a ser compreensível na disjunção ígnea que se extroverte afirmando o continuado paradoxo original ao redespertar a luz da razão que agora discrimina. Assim constitui-se a primeira grande certeza filosófica, com honor e justiça, dita ‘socrática’, enunciada desta forma: sei, que nada sei – dita em termos teológicos: epifania, intenção radical da consciência no arco misterioso do incriado e do criado.

A revelação unitária agrega os anseios de saber da filosofia com os arroubos infindos da espiritualidade, pondo os termos conhecer e compreender a dialogar: deste modo, configura-se o núcleo fundador de uma filosofia instituída no eixo de perspectiva cosmo-existencial.

Evidencia-se que o termo ‘metafísica’ refere a uma impreterível relação do Cosmos e da esfera existencial, com uma apreensão centrada e resolutiva na relação da consciência com o que é ‘outro’, ordenando uma resposta, exigindo uma atitude. Num tempo só, um saber e não-saber testemunhando a impossibilidade de esclarecer a natureza, origem e limites da (auto)consciência como instância fundamental do próprio saber e existência; a impossibilidade de descobrir e delimitar as fronteiras da (auto)consciência com a substancialidade, fundindo-se a dialética das intenções buscadoras e das praxes numa estrutura unitária e paradoxal. Um saber não-saber onde a realidade, percepção, sensibilidade e representação colapsam como nebulosas em coordenadas cosmológicas, com resultante universalização da apreensão cognitiva do estado-de-ser, humano e cósmico.

O estado-de-ser envolto em mistérios fascinantes perfaz todas as revelações e ciclos descritos pelos antigos, para retornar ao seu estatuo manifesto de homo sapiens

sapiens gerador de poética e visões, odisséias, que congregam Ethos, Logos e Mythos num triângulo claro e sublime, ético, intelectual e estético, fundindo os potenciais do Cosmos planetário aos do olimpo reunidos como céu e terra – acontecimento e momento atual onde sempre se escuta tocar as trombetas e as conchas da vitória.

Um fundamento presencial, comparecimento nuclear, compartilhado por todos os existentes, idêntico e original, é a referência absoluta ao redor da qual acontecem todas as classes e categorias. Trata-se de uma referência que encontra expressividade exemplar na noção grega de momento (Kairos); uma apreciação tangível como uma mandala, instituída nas coordenadas da abstração e da estética sensíveis ao Belo; uma dimensão filosófica prima que coordena e flexiona todos os eventos e possibilidades, inclusive o conceito mais radical e sincrônico: ‘numinoso’, ou divino. Ninguém poderá apreciar o sublime que enraíza na união terminativa das *res cogitans* e *extensa*, imaginando-se ao lado, ou acima, reduzindo e deturpando a experiência sensível de Kairos numa ‘eternidade sobrenatural’, intangível e reservada. Apenas o momento criativo e absoluto, a partir de onde emanam sentidos, conceitos e especificidades variegadas e complementárias²², permite o (re)conhecimento da harmonia e unicidade da

consciência, da corporeidade e do mundo: a infinita primazia da justa noção de Cosmos que rompe as grandes dicotomias e enlace as teleologias.

Tudo o que se pode conhecer refere, em todas as conjugações, à existência e a nós-mesmo como existentes, presentes e pertencentes. Trata-se da apreciação da plenitude do estado-de-ser, contexto e selo intuitivo de sabedoria, que, nas asas da apreciação estética e meditação profunda, eleva o existente a uma expressão infinda, paradoxal e jubilosa, nos arcanos do dado-a-ser. Neste contexto, opinar sobre a existência, o mundo, a vida, em todos sentidos e destinos, pesos e graus, é opinar sobre si mesmo, em instância primeira e final: achar-se estranho, banido e indigno, necessitando de guias, só poderá levar a um retumbante fracasso existencial.

7 DA NATUREZA COGNITIVA DO NÃO-SABER

Em que se diferenciam: a predicação metafísica padrão, ou ortodoxia batismal transcendente-transcendental, equacionada entre as convicções do sujeito e os arcanos da suposição; do não-saber sábio, empírico-existencial, autêntico?

O não-saber sábio refere a um exame genuíno do fenômeno existencial, instituído no reconhecimento incontornável dos limites da razão (incerteza racional, ceticismo), acrescido do conhecimento terminativo, efetivo e empírico, maximamente depurado, referente aos longos alcances do saber intuitivo, onde se comprova a ambiguidade da dicotomia e a unidade paradoxal: busca resultando numa alquimia espagírica, um rebis misterioso, que revela a união do conhecedor e do conhecido, do visionário e da visão.

Trata-se de um encontro existencial em que os atributos, ou substâncias interdependentes, *res cogitans* e *extensa*, antinômicas e contrárias, reúnem-se num evento paradoxal, negativamente contido nos potenciais do saber: tabernáculo pleno e vazio de ser-e-não-ser, ponto de junção-disjunção, essência e mistério. Assim sendo o não-saber cosmo-existencial institui-se por intuição e confrontações autorais, através de uma busca filosófica dedicada, corajosa, exemplificando o exercício magno das virtudes cardeais, resultando numa anuência lúcida e humilde frente ao dado-a-ser, no reconhecimento e aceitação do paradoxo e mistério existencial. É mais virtuoso cultivar um bom-senso justamente contextualizado de que cultuar insensatez, embora esperançosa. Sintetizando: conheço a unidade

paradoxal da relação consciência-existência, logo, sei que nada sei, caracterizando um não saber ciente, ou sensato.

O dogma da ‘coisa-em-si’, fiador contemporâneo da ignorância mediéfica, institui-se em três eventos: uma credulidade vulgar, fundamentada por mimese, aceita por imposição simples e ritualizada (acredito porque me foi dito e ensinado nos ritos da tradição); uma problematização de ordem racional, confrontado apenas pelos que pensam e meditam: as dúvidas da razão (incertezas relativas à natureza dos universais - alicerces da fé), acrescido de uma omissão das veridades efetivas, autênticas ou experienciais: a desconsideração dos alcances filosóficos profundos da contemplação e saber intuitivo (não querer saber). Portanto, a ignorância e credulidade dogmática-teológica²³ estruturam-se por mimese, limitação e omissão, configurando um enredo falacioso de preconceitos e tabus; perplexidades que se divulgam e massificam por convencimento e imposição, sustentando infundas esperanças e predileções de natureza pragmáticas - causa efetiva e final: acredito na minha rica e proveitosa tradição batismal e não quero experimentar ou duvidar.

Logo, a diferença entre não-saber ciente e a credulidade teológica é abissal: um lado se caracteriza por sensatez e anuência, o outro por imprudência esperançosa e

tripla rejeição: ser adepto da ortodoxia metafísica implica, a priori, imaginar-se afastado de três lugares, dois reais e um hipotético: o eixo cósmico – nas nossas dimensões: sol & planeta - não é reconhecido como berço original, potencialmente aconchegante, mas desterro indigno, destino dos gentílicos e indígenas; tampouco se reconhece na corporeidade uma estrutura incontornável; por fim, concebe-se um céu-telos factualmente ignoto, extrínseco e sobrenatural, antitético à vida, postulado como esfera cristalizada e imutável de perfeição apenas acessível na morte.

Ao apostolar aspirar um significado locado num além insensível, para sanar a sensação e ideia obsessiva de um “universo frio e sem sentido”²⁴, a perspectiva metafísica dualista, subjacente às ideologias catequistas, não se adequa com a experiência e o imaginário vivaz das crianças, adolescentes venturosos, de artistas, pintores impressionistas, ou, ainda, de naturalistas encantados com o mar, os campos, as florestas e montanhas.

O cenário adequado para quem escolhe descrever-se desse modo rompido (aceitando ser assim descrito), é, certamente, rebuscado, como uma clausura barroca, uma torre de marfim. Escolher ser dogmático e autoritário, ordenar atuações a partir de contextualizações culturalistas

obsessivas e hipotéticas, implica três negações: negar a adequação da natureza humana frente aos universais, negar a excelência da luz natural da razão, negar a aptidão de suportar com lucidez as fronteiras entre saber e não-saber: isto é, renega, em bloco, a grandeza e perfeição cósmica, ao desconhecer ou desprezar a relevância ética do paradoxo, a lucidez do espanto frente à evidente comunhão dos opostos.

Recuar frente as completudes totalizantes, identificações universais e impressões numinosas, é negar e recusar: a convergência paradoxal do estado-de-ser num símbolo inquebrantável onde a consciência discriminadora e a totalidade do discriminado configuram uma unidade que ajunta e colapsa todas as dicotomias num enlace grandioso; é negar a evidência imediata do estado-de-ser unitário, para advogar uma hipotética desunião da substância e da essência, do existente e do Cosmos; é substituir um círculo cosmo-existencial e dialógico de amizade (symbolon) construído em torno de um ponto central de saber filosófico, conhecível como cheiro de terra molhada, por uma esfera teórica reservada e privilegiada, impositiva, evocando uma transcendência intangível; é destronar e banir a grandeza e beleza da diversidade e da interdependência, expressões criativas da teia que reúne o existente e o Cosmos; é trocar uma realidade surpreendente por uma esperança

desvitalizada, infinitamente deslocada, conjuminada a um estado-opositivo, uma perdição instituidora de pusilanimidade e supremacias passageiras e vãs, sustentáculo de cruzadas, violências, aprisionamentos e desamores.

8 DAS COORDENADAS METAFÍSICAS SECUNDÁRIAS

Uma filosofia, quando universal (e para ser universal), deve permitir o claro reconhecimento das mitologias batismais geratrizes de movimentos civilizatórios que agremiam e estratificam nações em ordenamentos e coordenadas societárias metafísicas secundárias. A hermenêutica filosófica genuína permite a investigação e o reconhecimento das perspectivas metafísicas, subsequentes estruturações civilizatórias secundárias (como instâncias culturais e políticas, contemporâneas ou históricas), transformando a relação e ordenamento do estado-de-ser numa questão sensível, ética e estética, exigindo posicionamento.

As grandes opções e escolhas existenciais do estado-de-ser afunilam entre: 1) o posicionamento metafísico dualista, tributário de símbolos e mitos introjetados sem conhecimento - obediência batismal - e raramente

discutidos, decorrentes carências de explicitações; ou, 2) o posicionamento metafísico monista, que reporta a intuições amplas e profundas, focado na meditação própria, paradigma experiencial que exige respeito à natureza e nega entregar lucidez e razão ao altar da ignorância, tampouco deposita fé em agraciamentos elitistas²⁵.

Neste ensaio, epiteto os dois eixos de perspectiva metafísica em exame, respetivamente, de ‘primal’ e ‘excêntrico’, acrescentando um qualificador comum, dito ‘generativo’, porque ambos são geradores de ordenamentos civilizatórios e coordenadas societárias metafísicas secundárias – instância da trigonometria societária. Precisamente, o eixo de perspectiva metafísica cosmo-existencial (ePMCE), que explicita o posicionalmente genérico dito monista, é considerado ‘primal’, sendo o eixo de perspectiva metafísica transcendente-transcendental (ePMTT), kantiano, explicitando o posicionalmente genérico dito dualista, considerado ‘excêntrico’ por não incluir o reconhecimento da união fenomênica na sua axiologia, ter sido instituído mais tardiamente, por superestratificação. A qualificação ‘generativa’ é comum, por explicitar o potencial dos eixos como geradores de ordenamentos civilizatórios correspondentes às suas respetivas coordenadas societárias metafísicas secundárias.

8.1 COORDENADA COSMO-EXISTENCIAL

A hermenêutica filosófica qualificada, exercitada com todos os valores da inteligência livremente reunidos em bom-senso, serve como instrumento geral, dialogando e marcando intenções a partir do finito existencial e do infinito cósmico, reafirmando um eixo existencial no qual se elabora um lugar em que vive o amor e a arte, uma civítica espiralando da terra aos céus²⁶. O ePMCE, por descrever com realismo e sensatez o contexto fenomênico fundamental, amplamente intuído, natural, não necessita ser imposto por convencimento, bastando ser afirmado e lembrado. O projeto metafísico primal da experiência existencial explicita o que se intui, por isso, encoraja, quando necessário²⁷, a justa relocação da consciência frente à sua destinação cósmica. Um núcleo lúcido, como uma oca, possibilita a elaboração de uma trigonometria que coordena os arcos vitais do estado-de-ser: as coordenadas metafísicas secundárias típicas do ePMCE configuram uma trindade de eventos sociológicos: as psicogeografias naturais do Logos, do Ethos e do mito – respeito, convivialidade e criatividade. Trata-se da psicogeografia do bom convívio onde se consideram a natureza, os sentimentos e se honram as

visões e os mitos mais virtuosos, cultivando uma terra fértil de sabedoria e coexistências harmoniosas.

- Psicogeografia do Ethos: acontecimento integrando corpo-mundo e gênero-espécie instalados em nações, isto é: psicogeografia do lugareiro, aldeia hospitaleira onde a humanidade acontece alojada como pássaros justamente aninhados; marco sereno de saber e saúde, como um bastão de ouro, ou caduceu, plantado em uma planície rodeada de montanhas e vales por onde rios serpenteiam.

- Psicogeografia do Logos: sentimento e cognição²⁸, pilares da razão qualificada, tabernáculo do saber: uma rosa ou pinha que não para de florir, um anfiteatro interrogativo, uma mandala que flora e irradia saber na trama infinita que se vislumbra nas malhas vanguardistas da imaginação própria e coletiva. Uma visão e uma trama que abrange às alturas, para repousar e imprimir a marca do Cosmos no contexto vital, glorificando a natureza, respeitando o outro, das cordilheiras aos himalaia: a mãe-terra, Pachamama e todas as suas criaturas.

- Psicogeografia Mítica: desenhando um templo, um panteão olímpico e vivo entre nós, onde se aprecia o entusiasmo dos poetas e artistas, dos sábios e filósofos, visionários inventores, que expressam a esfuziante alegria das musas; realização onde se goza o prazer de ser natureza,

onde se vive o céu das visões, habitando o templo universal das intuições; num voo planado nas alturas, encontra-se o portal mítico do saber e do não saber, onde se revela o estado-de-ser essencial, suspenso na infinitude dos seus potenciais, entre o tudo e o nada.

O humor, a retórica (agregado de poesia intuitiva e saber sensível), a fluidez das pontuações, permitem evocar múltiplos movimentos existenciais; decursos civílicos, compromissos pacíficos construídos à luz de uma *hebergerocracia*²⁹ somando o entusiasmo, a criatividade e a força dos jovens à sabedoria e razão qualificada dos anciãos, os dois pilares fundadores do bom governo. Uma estrutura civílica onde os serviços sociais básicos – a administração e cuidado das coisas públicas, o urbanismo, os sistemas monetários e de trocas – são praxes e dedicações voluntárias dos jovens, instruídos e orientados ao longo desse rosário incessante de diálogos e reuniões que acontecem nas praças e anfiteatros da cidade.

O posicionamento filosófico-existencial, é, por necessidade, ‘psicointegrador’: por reconhecer a realidade incontornável do embasamento metafísico no mistério fenomênico que se conhece sem se explicitar; por firmar os pareceres finais no arco das apreensões intuitivas. Psicointegrador, mas, igualmente, ‘enteogênico’ por atender

e suportar com virtudes numinosas o testemunho metafísico do desmoronamento da cognoscibilidade em incognoscibilidade nos confins do possível, na hora em que rompe a distinguibilidade e colapsam visões e visionários em unidade silenciosa e serena como amantes reunidos na vida e na morte, no mistério do momento.

As virtudes cardeais, disposições basilares de veracidade, autonomia e responsabilidade, fundamentam as possíveis esperanças teológicas por permitir a irradiação dessa trigonometria comunitária instituidora de amizade e que garante a vitalidade e saúde de uma polis indígena, pré-colombiana, jônica, olímpica e universal. Uma civilização harmoniosa só pode resultar dessa triangulação ponderada (Logos, Ethos e Mythos) instituída como base da ação cívica: eis o justo assentamento, a intenção natural e fenomênica da consciência nas praxes cotidianas e arrebatos universais, marcando, uma ação humana próspera e feliz.

8.2 COORDENADA TRANSCENDENTE-TRANSCENDENTAL

O ePMTT instituído numa apreensão fracionada das profundidades filosóficas, em todo caso aquém da natureza indígena, deve, para vigorar, ser introjetado por imposição batismal, educação e regime autoritário. Esse dualismo,

aqui considerado ‘excêntrico’, mas ‘generativo’, reporta à uma historicidade sectária, instituidora de coordenadas societárias metafísicas secundárias afins - metodológicas, pedagógicas, culturais e políticas.

Tal eixo parece resultar de um intento malgrado de aproximação fenomênica, uma resistência receando a dissolução unitária onde se pode experimentar a certeza filosófica, socrática³⁰: a concomitância da impermanência e desse *rebis* indeclinável, pontos terminativos de saber: dois aspetos integrados da unidade existencial, como reconhecido por filósofos de outras tradições, e, expresso na metáfora da ‘essência aquosa’ de Tales de Mileto e Heráclito (água, sempre presente e necessária, mas sempre fluida; rio continuado de travessias eternamente diversas) fluxo oriundo desse lugar imóvel e perdurante onde Parmênides de Eleia se descobre no centro uno da esfera absoluta³¹.

No eixo dualista de perspectiva metafísica, cuja obsessão amedrontada se afirma numa ânsia messiânica, compreende-se o que é outro como domínio separado, e, a si mesmo como sujeito dubitativo, deslocado do seu ‘subjectum’ verdadeiro. Uma situação equívoca, resultante da não confrontação do mistério, geratriz de insuperáveis aporias, fortes polarizações e enredamentos apertados, onde: a fonte universal, geradora das distinções, se

compreende como uma ‘coisa-em-si’ indistinguível, apartada radicalmente da esfera substancial e vital, mas postulada motor primo e categórico das distinções naturais, isto é, do mundo criado e das criaturas, embora, não por intermédio dos princípios naturais, domínio das causas criadas, mas de acordo com os postulados elencados nas hermenêuticas litúrgicas – *in totum*, uma proposição dogmática cuja causa substancial é acidental, sendo a causa efetiva o *verbum* litúrgico e a causa formal o advento epifenomenal de uma humanidade banida, sendo a coisa final uma agraciação como retorno ao reino da ‘coisa-em-si’.

O desentendimento labiríntico da apreensão terminativa, onde se agregam em união os atributos, é resultante e resultado de uma sub-compreensão do símbolo reduzido aos seus valores semânticos (sinais de junção entre coisas e nomes no plano da reflexão), somado a um embotamento da sensibilidade estética a favor dos cálculos e abstrações idealísticas; verdades enlutadas, amordaçadas, tentando equilibrar significados que permitam a manutenção do status quo³² e das concretudes provedoras do nosso pão de cada dia - frente às fragilidades das ideias, o proveito político, a consolidação do poder, parece ser o motor da perduração e domínio dessa tradição imperial e mediéfica, a ‘causa substancial’.

Subjugado no ordenamento metafísico dualista não se reconhece que o símbolo, para poder reunir objetos e significados, gerar entendimentos efetivos, deve instituir-se numa lucidez continente e original, uma comunhão cosmo-existencial: união que reúne a criatura(ser) à criação(estado) num plano primordial sem o qual não se revela a possibilidade de entendimento dos significados evocados. A harmonização e cientificação que se realiza nas simbolizações não pode reportar a outros mundos: em termos pontuais, o juízo estético, amadurecido e clarificado na experiência numinosa, não pode simbolizar um divino ‘sobrenatural’: ele deve incluir, em enlaces contínuos, a totalidade dos termos relacionados ao arco intencionado do entendimento, isto é, anuir com a validade do processo simbólico³³.

Idealizar a existência de uma esfera criadora, separada dos gerenciamentos naturais, isto é, além dos potenciais cognitivos que operam distinções, logo, radicalmente ignota, mas postulada antecedente e apriorística, configura uma carência de razão e de fato como afirmaria Leibniz, uma penúria de sensatez. Trata-se da subsunção falaciosa de um não-saber radical, por uma hipótese insensata, necessariamente expressa com retórica elitista e impositiva. O positivismo³⁴ filosófico, ou cientificismo, supostamente

dito 'laico'³⁵, configura escola conservadora, em sinergia complementar à delimitações e privilégios instituidores históricos do dogma da 'coisa em si', dando suporte e vitalidade relativa a um 'ente' exorbitante, gerente das relações abusivas sujeito/objeto, a partir de uma trindade de coordenadas societárias metafísicas secundárias, resultantes incontornáveis dessas praxes elitistas.

O dualismo teológico e cientificismo, desvios de foco, comungantes como mão e luva, coordenam uma trina fantasmagórica, substanciada em retóricas, etiquetas, roupagens e arabescos sociopolíticos fundados em posicionamentos hipotéticos: 1) da 'sujeição': o campo fantástico sujeito alheado, ideando-se banido de um espaço imaginário; 2) da 'objetificação' o campo de busca das 'ciências humanas', onde os indivíduos transmutam em objetos, recursos e experimentos de laboratórios, 3) da 'especulação' campo soberbo dos enviados e supervisores, de alguma forma, ligados à 'coisa-em-si', seja alegórica, mítica, ou de gabinetes. Uma sociocracia que coordena e institui um ser tricéfalo, como o guardião mítico das profundezas, instâncias políticas e expressividades culturais residentes, alinhadas e em conformidade com o posicionamento metafísico reinante: as psicogeografias subjetivista, objetivista e teorética. Uma triangulação

originando movimentos societários conflituosos, com frequência destrutivos, como nessas democracias onde os anseios das maiorias são legisladas por especialistas e porta-vozes montados em haveres antes conquistados; burocracias, ditaduras e despotismos teocráticos que ainda vigoram.

- A psicogeografia objetivista: coisa gravitando em determinismo e fatalismo, terreno seco e neutral da inteligência artificial, da robótica e das engenhocas, logística onde se desconsideram a intuição, a ética e atos de consciência virtuosos, porque imponderáveis: uma antítese e parodia insensata do Ethos, matriculando um ‘ente-objeto’ em estruturas lucrativas e coordenadas estatísticas.

- A psicogeografia subjetivista: reino desse sujeito sem terra nem céu, perscrutando a si mesmo nos modos husserlianos, uma paródia e antítese egoica do Logos, evocando um ‘ente-sujeito’ enclausurado na cultura vigente, flutuando em brumas, escavando a si mesmo psicanaliticamente em busca de consolos e domínios ilusórios, procurando lastros e fundamentos nos reflexos do cogito.

- A psicogeografia especulativa: operada por representantes ou observadores entronizados em privilégios; instituída em idealismos e teorias improváveis

desenhadas para consolar e guiar uma humanidade prostrada: as diversas formas de teologismos e esoterismos associado ³⁶, a hermenêutico da ‘coisa-em-si’, parodia idealística do Mythos acenando futuros esperançosos.

Assim triangulada a civilização padece, doente e desunida, depressiva e sem foco. Nos embates em busca de acordos, a não ser excepcionalmente, os filósofos instituídos e instituidores, aparentam assumir a posição confortável de não perceber que seus discursos volitam envolvidos nas esferas de influência das geografias que vitalizam e sustentam as manifestações políticas e possibilidades civilizatórias criticadas, apenas negociando aberturas e lotes ínfimos de facilidades, em meio a um handicap central, jamais abordado, ou raramente desafiado: a ideia elitista de um sujeito radicalmente transcendente, pilar dessa estrutura e edificação metafísica excêntrica e barroca em que vivem e professam.

Superar esses paradigmas constrangedores, em busca de potenciais mais amenos, eco-humanistas, exige grande desapego, uma re colocação criativa do existente frente a si mesmo, à cultura e ao insondável divinal: um feitio apenas exequível na coabitação de uma boa vontade fundamental, serena tolerância, de uma ousadia e resiliência filosófica

transgressiva, somadas à realização intuitiva e destemida de uma nova visão.

9 O NOVO ALVORECER

Senão do ‘ponto de vista da academia’, mas da realidade existencial, existe uma filosofia mais sensata, um autoentendimento melhor ponderado, estruturado a partir de um eixo de perspectiva metafísica mais virtuoso.

Na natureza humana, a necessidade de agir não se institui como um anseio instintivo de nutrição e assimilação operando em situação de penúria consolada na esperança de um além glorioso, ou, numa frenética e reativa acumulação de coisas.

A praxe de uma humanidade digna responde, antes de tudo, a um sentimento poético frente à existência, uma *poiese* que motiva em direção a uma junção criativa com a natureza-mundo, instituindo coexistências e sentimentos harmoniosos fundamentados num bom humor assentado na fonte unitária e genésica que faz reconhecer o Belo e abraçar o outro – nasce-se nidificado num útero fecundado pela união dos gametas e não extraídos de células depositadas em matrizes robóticas, proveta-mater de laboratório.

Uma experiência sensível e poética, caracteriza o eixo de perspectiva metafísica cosmo-existencial: trata-se da afirmação precisa e esclarecida da ‘luz natural da razão’ dessa forma equacionada. Uma intuição metafísica que gere uma visão plena não necessita instituir um divino imaginado distante e dogmático, tampouco uma norma forçando um simulacro de justiça e equidade – não há justiça assentada em privilégios e iniquidade. A visão da grandeza e da perfeição da natureza é instituída no cultivo das virtudes, que, como as quatro direções, orientam o viajante tanto quanto o Cruzeiro do Sul brilhando no céu. Resulta dessa visão, símbolos e mitos consequentes, uma sociedade madura e sã.

Apenas uma perspectiva metafísica que saiba sustentar o exercício eficiente das virtudes cardeais em todos os recintos e ponderações da psique (apreciando e adequando os sentimentos e os pensamentos) é capaz de gerar uma apreensão abrindo em vida digna e pacífica. Essa aspiração em busca de uma praxe elevada a poesia nas correntezas de um sentimento unitário e amoroso, aspira uma visão totalizante onde flores azuis de centro branco e amarelo podem transmutar em céus ensolarados na intuição imaginativa das crianças, consagrando uma entelúquia gloriosa onde o fracionamento repartitivo do que exista se

equaciona em uma generosidade natural que fomenta e alimenta as virtudes cardeais e sociais, temperando a realidade que se vive na direção das ponderações desejadas.

Este é o plano cognitivo essencial a partir de onde é possível desenhar um projeto vital ético e virtuoso: de uma boa filosofia resulta uma boa vida, naturalmente, decorrente da excelência e adequação fundadora. Não há oposição entre filosofia e sabedoria, âmbito gnosiológico e ético; entender o que é metafísico à luz da razão plena, valente de sentimentos, intuição, virtude e decisão, como deve ser a razão do homo sapiente sapiente, demonstra que o caráter relacional do 'Eu' não é de estraneidade, mas de união.

O 'Eu' não é estranho, mas nativo, natural, 'terrâneo', indígena, dilema de fácil resolução: a 'estraneidade do Eu', pedra fundamental da filosofia dita 'ocidental' é *doxa* instituída em credulidade e receio, sendo a união do estado-de-ser evidência espantosa e poética - uma configuração, ou Gestalt, mais virtuosa, inteligente e sensível.

Notas:

¹ Uma proposição filosófica contemporânea que reformula a relação com o que é outro, ou *alteridade* (de *altérité*: alteração, mudança): qualidades que se constituem nas relações existenciais onde os

² O termo *episteme* não é, exatamente, usado como na filosofia grega, apontando um conhecimento verdadeiro, científico, em oposição à opinião infundada, nem, exatamente, no sentido ‘de paradigma central do saber’, como nova descoberta, destacado por Foucault (1926-1984): a utilização está em sintonia com essas definições, porém numa aplicação íntima, referente ao estado-de-ser, implicando a experiência existencial e uma realização filosófica: fundamentos epistêmicos refletindo e operando as virtudes que se experienciam como existentes: epistemes filosóficas existenciais, gnoseológicas.

³ Uma expressão caracterizando um conceito filosófico existencialista rigoroso onde a relação com o mistério evocador da noção ‘divina’ se desdobra e institui no coração sensível do estado-de-ser, no ‘interior-em-si’. Um lugar concorrente, diverso do posicionamento kantiano onde a ‘coisa-em-si’, instituída no hipotético teológico da tradição e repassada em ritos, potencializa um conceito de divino apartado e representado, apenas acessível por agraciamento.

⁴ Em relação ao conceito espinosiano, explicitado na Parte II de *Ética*; proposição VII: onde, no escólio primeiro dessa propositio, afirma-se: “(...) *consequenter quod substantia cogitans et substantia extensa una eademque est substantia (...)*”, i.e., (...) consequentemente, a substância pensante e a substância extensa são uma só e mesma substância (...): a apreciação profunda, genérica, que se institui no *interior-em-si*, remete à interface da *relação consciência-existência* que é a interiorização cosmo-existencial dessa “igualdade da ordem e da conexão das ideias e das coisas” apontado por Espinosa. Uma relação concentrada, imediata e sensível, na qual se configuram e estabelecem todos os eixos conceituais relativos às dicotomias mais elementares: *sujeito-objeto, eu-outro, eu-cosmos, eu-divino, intelecto sensível e intelecto racional, esfera do desejo-vontade e esfera da representação, Eros e Logos*, todos, em conjunto, integrando essa relação universal, continente e central, como *atributos elementares*. Na unidade conjuntiva dos atributos

fundamentais de Espinosa, enraízam-se e explicitam-se esses atributos elementares.

⁵ *Numinoso*: Segundo Rudolf Otto (1869-1927), teólogo e filósofo alemão, autor do termo, conhecido pela obra originalmente escrita em 1917, e, traduzida como “*O Sagrado. Sobre o Irrracional na Ideia do Divino e sua Relação com o Irrracional. Lisboa: Edições 70*”, numinoso, deriva de nume(n), como luminoso, vem de lume(n), referindo-se ao sentimento único vivido na experiência do sagrado, em que se fundem aspetos por ele descritos como fascinação, terror e aniquilamento. Por extensão o termo refere a um fenômeno experiencial, estético, assentado numa predisposição inerente ao estado-de-ser, razão qualificada burilada pela busca filosófica, sendo as suas características: um fascínio que, ao amadurecer, satisfaz e brinda o ânimo de sentimentos desaguardo na experiência conotada como *espanto místico*, ou vivência da unidade, resultando num conhecimento e saber relativamente expresso por meio da filosofia, poesia, arte e ética, embasado num *ethos* fundamental, caracterizado por um profundo respeito à Natureza cósmica. Neste entendimento naturalista, o termo evoca um ‘encanto’ mais de que um êxtase, característica de que preconceitua essa realização como um transporte para fora de si e do mundo sensível.

⁶ A partir da cosmovisão fenomênica desperta e integrada, a visão típica do idealismo racional – campo desfocado e impreciso desse ‘eu-sujeito’ advindo do além, perdido e posto nesse mundo’ – pode ser imaginada como um sonho lucido, ou pesadelo, algo onírico ou hipnótico que não reporta ao que existe, mas indutor potencial de comportamentos assombrados e desarmônicos, geradores de conflitos e distúrbios societários, graves embates e sofrimentos.

⁷ *Sym-bállein* ou *sym-bolon*, símbolo num sentido completo, signo e reconhecimento de identidade no qual um objeto partido em dois, um disco, um anel, de que dois hospedeiros potenciais conservam uma metade, que comparadas e justapostas serviam para que os portadores reconhecessem, através desse unicidade, as relações de hospitalidade e identidade antes contraídas.

⁸ Explicitações científicas, históricas e outras se desenvolvem na esfera existencial, viva e presente, dos observadores e cientistas (a facticidade do mundo e a facticidade do sujeito no mundo), mas seus predicados e valores explicitadores, diminuem à medida em que

umenta o volume e conteúdo do espaço-tempo, as lucidezes imaginadas e propostas pelo sujeito teorizador.

⁹ O Cosmos manifesta ser um *rebis* fundamental (a soma de duas res (substâncias) opositivas e complementárias: re, bis: isto é re+re) - reunindo os contrários e antinomias em uma imensa, sublime e versátil unidade: universo. Trata-se de uma evidência imediata, intuitiva, estética, definindo uma ética, configurando um *Logos*, um *Ethos* e um *Mythos* condizentes: os existentes vivem o ato de existir pertencendo radicalmente ao processo existencial, sentindo-o na primeira voz da conjugação.

¹⁰ Símbolo de eternidade indiferenciada e retorno existencial, igualmente eternal, representado por uma serpente alada ou dragão que morde a própria cauda.

¹¹ Na publicação denominada "*Sur l'homme et le développement de ses facultés, essai d'une physique sociale*" Adolphe Quetelet (1796-1874) apresentou sua concepção do homem-médio como somatório de medidas características agrupadas em curva de normalidade.

¹² Advogando: de um lado: 1: a existência de um sujeito racional e empírico (esfera transcendental, reino humano), e, do outro, como a priori categórico, 2: uma 'coisa-em-si' insondável (esfera transcendente, reino divinal).

¹³ <http://www.essencialismo.org.br/> - a apreensão metafísica da perspectiva cosmo-existencial.

¹⁴ Nota: *asseidade*, entre os escolásticos, é o atributo divino que consiste *em existir por si próprio*, causa ou o princípio de sua própria existência, incriado, absolutamente autônomo; no pensamento de Duns Scotus (c1265-1308), hecceidade, ecceidade ou ainda *ipseidade* significa caráter particular, individual, único, de um ente, que o distingue de todos os outros (o termo 'ipseidade' foi reintroduzido no s.XX por Heidegger): ocasionalmente, uso o termo seidade (sem os demonstrativos) rompendo as antinomias destas definições: i.e., apontando na direção dos caracteres universais, autênticos e reais. Nota-se que o conceito biológico *autopoiese* passa, por definição, a ser um sinônimo do conceito escolástico *asseidade*, bastando substituir o termo 'divino' pelo termo 'universo', ou 'natureza': *autopoiese*: o atributo 'universal' que consiste em existir por si próprio, causa, ou princípio, de sua própria existência, incriado, absolutamente autônomo.

¹⁵ Como apontado por Maturana e Varela, autores do livro “A árvore do Conhecimento: Editorial Psy II, 1995”: a evolução é uma deriva natural, produto da invariância da autopoiese e adaptação. Uma organização autopoietica [ou autopoiese] implica em uma rede de transformações dinâmicas produzindo a totalidade dos seus componentes. Projetando esses dados biológicos ao entendimento do caso humano: essa rede de transformações produz realidades, todos os estados existenciais; a natureza homo sapiens dotada de capacidade moduladora, no exercício do ato da discriminação: realizações existenciais, ao mesmo tempo, cumprindo determinismo e direcionando a evolução, em grau progressivo de intencionalidade na escala evolutiva; revelando-se uma incorporação de criatividade; auto-criatividade.

¹⁶ Ritos batismais perduram, dificilmente desafiados: podem envolver o estado-de-ser (espontâneo naturar-naturando) de um véu que faz aparecer um ‘sujeito estranho lançado em lugar ingrato’, ou, um ‘enviado especial’ destinado a guiar os ingratos, ou, ainda mais raramente, com simplicidade e naturalidade, um sujeito-cósmico particularizado, jorrando da fonte como um fractal.

¹⁷ Olhai para as aves do céu... Considerai como crescem os lírios do campo... (Sermão da da Montanha).

¹⁸ Para ser mais um obreiro colaborando à construção de um sujeito objetivado, reduzido a uma figura teórica e abstrata, observador hipotético e ideal, isolado da vida e do mundo.

¹⁹ “Não se trata, contudo de saber qual é a melhor filosofia a ser escolhida, para fins acadêmicos, não há filosofia melhor ou pior, talvez sim mais consequente ou menos consequente” – p. 14; Pelizzoli, M. L.; O eu e a diferença – Husserl e Heidegger; EDIPUCRS, Porto Alegre, 2002.

²⁰ *Superestratificação*: situação social hierárquica e polarizada, típica dos estados nacionais; demonstrada entre grupos sociais diferenciados quanto ao seu poder político, prestígio e acervo econômico; situação originada em procedimentos históricos de invasão e dominação, i.e., de posições vantajosas, resultados de conquistas e subjugações ancestrais, transformadas em direitos adquiridos e hereditários; o termo é definido em Rustow Alexander; Freedom and domination; Princeton University Press; 1980.

²¹ Do ponto de vista da significância das estruturas linguísticas e simbólicas que se delimitam no exame dessas perspectivas metafísicas (entrosando cosmovisões, coordenadas societárias, civilizatórias e biopsicossociais estruturantes) configura-se um *verbum* considerável, abrangendo um arco cuja ‘performance’ supera o que foi descrito, até o pensamento de Jürgen Habermas: um ato criador que, em outros ensaios, denomino ‘*ato de fala ortolocutório*’. (Barbier, RA; Manifesto Essencialista 03 - essencialismo.org.br).

²² Os atributos reunidos de Espinosa, *res extensa* e *res cogitans*, configuram uma matriz ou Gestalt que abarca os demais eixos dialógicos em todas as escalas: como sujeito e objeto, intelecto sensível e intelecto racional, esfera do desejo e vontade e esfera da realidade e representação, Eros e *Logos*, arché e physis, intuição e razão, absurdo e lógico, ser e ter, substância e essência.

²³ O louvor da inocência crédula epitomada na fraseologia de *Tertuliano* (160 – 230), ‘é certo porque impossível’, e, sintetizada como *credo quia absurdum*.

²⁴ A esperança sobrenaturalista (instituída na dificuldade estética de reconhecer o Belo e sublime vigente na natureza como água para peixes) é conotada em questionamentos insensatos e depressivos. O dilema é fundamentado nesse ‘conhecimento-desconhecimento’ inerente ao mistério da relação consciência-existência: uma aversão ao mistério e ao silencioso espanto metafísico, parece refugar o pensamento em agitações e questionamentos inúteis: “*Deus existe? A vida tem sentido? O Universo tem uma face? A morte é minha irmã? A estas perguntas a alma religiosa só pode responder: não sei. Não sei, mas desejo ardentemente que assim seja, e me lanço inteiro, porque é mais belo o risco ao lado da esperança que a certeza ao lado de um universo frio e sem sentido (...)*” Rubem, Alves. O que é religião? - Edições Loyola, São Paulo (2007).

²⁵ A expressão *depositar fé em agradimentos elitistas*, lembra a famosa história da captura de Atahualpa. O Inca foi capturado e condenado à fogueira por heresia após jogar ao chão uma bíblia que lhe foi oferecido para que se convertesse. Em resposta, as forças de Pizarro, emboscadas, dizimaram milhares de indígenas. Em troca de um resgate, ofereceu-se uma promessa de liberdade ao Inca: um quarto cheio de ouro e dois de prata até a altura que a mão alcançasse. Os conquistadores receberam o resgate, mas não libertaram Atahualpa que foi estrangulado.

²⁶ Um movimento expresso num dos totens andinos onde a força vital é representada como um puma, o amor e a arte como um casal de indígenas, compassando uma forma civítica de viver, espiralando num movimento societário, como um caduceu, cuja perfeição chega às alturas como uma águia ou condor.

²⁷ Sendo necessário e urgente na situação vigente, onde predomina a perspectiva TT por globalização, levando a um imenso e anunciado fracasso cultural e civilizacional.

²⁸ A *essência*, como significado vivo e fundamental, foi transformada em *espírito* ('spirit') pelos teístas sobrenaturalistas, e, o sentimento profundo, em *alma*: dessas forma, dissociando o indivíduo do seu lugareiro e frente vital, inaugurando uma forma psíquica rompida, um desmembramento de Psyché - uma perdição.

²⁹ Compósito de 'hebe' (jovem); 'geron' (ancião); e 'karcia' (força).

³⁰ Quando Sócrates, sob o efeito mortal da cicuta, solicita a Críton pagar, por ele, um galo ao Templo de Esculápio, "*Críton, somos devedores de um galo a Asclépio; pois bem pagai a minha dívida, pensai nisso*", de acordo com os costumes da época, ele agradece uma cura ao deus da medicina. Um evento intrigante, discutido por Nietzsche, entre outros: o que ele estaria curando no momento final desse extraordinário e rigoroso encontro de valores? Entendo que Sócrates reconheceu-se curado ao vislumbrar a dinâmica criadora que enlaça e agrega: 1) a certeza do bom *conhecimento* (o âmbito visionário da estética, ética e filosofia), e, 2) a incerteza, o *não-conhecimento* (os limites impreteríveis de compreensibilidade que se produzem no imo terminativo da interface consciência-existência, sujeito-objeto, onde não se delimita o ponto de distinção, ou mutação, entre o que é 'si mesmo' e o que é 'outro'). Um evento essencial que colapsa a totalidade dos confrontos e se comprova na meditação mais profunda: fenômeno paradoxal e espantoso, condenando e redimindo num mesmo enlaço; uma realidade exemplar, de razão e de fato, demonstrada, em todas as coordenadas, nesse momento socrático, privado, público e histórico, e, que é porque é, trama criadora, serena e perfeita cuja virtude repousa – quem sabe, glorificando os justos, condenando os ímpios.

³¹ "Flutuando no ânimo descrito por Tales; inspirando o ar de Anaxímenes, Parmênides, régio, guiado pelas etéreas Virgens do Sol, se afasta do mundo em busca do "*áperion*" de Anaximandro. Já na

redoma, meditando ‘*physis*’ (metafísicimos), ele se descobre, como uma estátua de mármore branco, no centro uno da esfera absoluta: os movimentos da vida acontecendo como reflexos, além da translucidez. Parmênides vapora o mundo sensorial num tecido uniforme e diáfano, com o qual constrói um balão; transforma-se no ar translúcido, e assentado no ponto central da insuflação cósmica, declara com autoridade e firmeza: “*é preciso dizer e pensar o que é o ser: pois existe, sim, um ser absoluto e imutável*. A seguir segue declamando o seu poema: “*Jamais poderá existir força de constrangimento que faça ser aquilo que nada é!*””. Excerto de um Ensaio publicado em: *Filosofia, Ciência & Vida Especial* – no 2; Editora Escala, SP; Barbier, Régis Alain; Portal da Existência, p.72.

³² Status quo instituído na cinzas do imperialismo romano e da ignorância mediéfica.

³³ Uma situação que lembra o paradoxo dito de Russell, que surge por violação do princípio do círculo vicioso. Embora desconsideradas por pensadores positivistas, as duas res, *extensa* e *cogitans*, configuram uma unidade funcional e fenomênica, não deixando nenhum espaço sensato para uma relação efetiva entre uma demanda idealística e positivista de ‘dicto’ e de ‘re’ (entendendo-se re+re como uma agregação que desconsidera a sacralidade da unidade espinosiana e reduz a unidade *Deus sive Natura* a um materialismo e a consciência a um epifenômeno). Ao menos, em mim não existe dois seres com intelectos diversos, ou, um ser com dois intelectos, um subordinado ao outro. A razão que posso comprovar e una, inteira, não se degrada por comprometimento e subordinação a sistemas hipotéticos. A busca, ou conato, aproxima e cria, o significado reúne.

³⁴ Embora não tendo utilidade filosófica, o positivismo, como instância metodológica, artefato experimental restrito aos aspetos tecnológicos e produtivos do processo existencial, demonstra utilidade e possível adequação, de acordo com a moralidade subjacente.

³⁵ O laicismo caracteriza uma impossibilidade teórica como a sobrevida de anencefálos: o divino, ordenamento magno do Belo e do numinoso, foco maduro e essencial de lucidez e saber, não pode ser evitado, a não ser degradando a humanidade - a evolução psíquica leva ao Belo. A fundamentação metafísica é terminativa: ordena os processos civilizatórios, quer sejam círculos dialógicos e participativos ou pirâmides faraônicas. Mesmo quando deslocado do

seu justo lugar, que é o centro do círculo societário expressando uma cívica plena, regente de todas as artes, que realiza os sonhos de liberdade e fraternidade. A metafísica não pode ser erradicada, apenas reprimida ou sublimada num sentido pervertido, gerando supremacias partidárias.

³⁶ Há duas formas de esoterismo, o esoterismo filosófico, alquímico, ligado à ciência do *rebis* e o esoterismo sacerdotal, hipotético e mágico.